

um toque de magia

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

ÍNDICE



E N F E I T I Ç A D O

9

P A R A S E M P R E

9 5

E M S O N H O S

1 8 1

E N F E I T I Ç A D O



*A todos os meus amigos maravilhosos,
desta vida e de todas as outras.*

P R Ó L O G O



Amor. Meu amor. Deixa-me entrar nos teus sonhos. Abre uma vez mais o teu coração e escuta-me. Calin, preciso tanto de ti. Não te afastes agora de mim, ou estará tudo perdido. Eu estou perdida. Amor. Meu amor.

Calin remexeu-se agitado durante o sono e enterrou a cara na almofada. De alguma forma, sentia a presença dela. Pele, suave e húmida. Mãos, delicadas e carinhosas. Depois mergulhou em sonhos de brumas frias e silenciosas, de colinas de um verde profundo e húmido que se estendiam até perder de vista. E o odor enfeitiçador de mulher.

O castelo erguia-se no topo de um penhasco, pedra prateada perfurando céus tempestuosos, a sua base enterrada em finas camadas de nevoeiro que corriam como um rio. O som da brida do seu cavalo tinindo no ar com o vigor da batalha enquanto ele cavalgava, deixando as encostas verdejantes para trás e escalando o rochedo. Trovões ribombavam a ocidente, sobre o mar. E ecoavam no seu coração de guerreiro.

Teria ela esperado por ele?

Os seus olhos, cinzentos como a pedra do castelo, moviam-se, perscrutavam o rochedo e a bruma em busca de algum buraco onde pudesse esconder-se um inimigo. No momento em que incitou o cavalo a subir o caminho acidentado talhado no penhasco, já sabia que carregava o fedor

a guerra e a morte, que este se lhe havia entranhado nos poros, assim como as memórias se tinham infiltrado no seu cérebro.

Nem corpo nem mente voltariam a livrar-se completamente disso.

A mão que segurava a espada repousava leve e preparada no cabo da arma. Em lugares daqueles um homem nunca baixava a guarda. Ali a magia impregnava o ar e podia abraçar ou ameaçar. Ali as fadas conspiravam ou dançavam, e as bruxas lançavam os seus feitiços para o bem ou para o mal.

No topo do penhasco isolado, imponente sobre o mar revolto, o castelo escondia os seus segredos. E nenhum homem percorria aquele caminho sem ouvir os sussurros de velhos fantasmas e novos espíritos.

Teria ela esperado por ele?

Os cascos do cavalo pisaram melodiosamente o rochedo até chegarem, finalmente, a terreno plano. Ele desmontou na base da torre de menagem no exato momento em que um relâmpago rasgou o céu negro com uma explosão de luz branca ofuscante.

E ela estava ali, precisamente ali, evocada no meio do temporal. Os cabelos eram uma cascata de fogo sobre um manto cinzento-claro, pele de alabastro com um suave tom rosado, uma boca carnuda numa expressão de reconhecimento. E olhos tão azuis como uma estrela viva e igualmente cheios de poder.

O coração dele disparou e o sangue pulsou com amor, desejo, saudade.

Ela aproximou-se dele, atravessando a névoa que lhe tapava os joelhos, a sua beleza assombrosa. Com os olhos postos nos dela, ele enxotou o cavalo, ávido pela mulher que era bruxa e amante.

— Caelan de Farrell, até aqui viajaste na escuridão da noite. O que desejas de mim?

— Bryna, a Feiticeira. — Os lábios tensos curvaram num sorriso que respondeu ao dela. — Desejo tudo.

— Apenas tudo? — O riso dela foi baixo e íntimo. — Bem, então já basta. Estava à tua espera.

De repente, os braços dela envolveram-no, a boca levantou-se ao encontro da dele. Ele puxou-a mais para si, desesperado por sentir o corpo dela, louco para ter o que ela tivesse para lhe oferecer e mais ainda.

— Estava à tua espera — repetiu ela com a voz embargada enquanto encostava o rosto ao ombro dele. — Desta vez foi quase tempo de mais. O poder dele cresce enquanto o meu enfraquece. Não consigo combatê-lo

sozinha. Alasdair é demasiado forte, as suas forças do mal demasiado gananciosas. Oh, amor. Meu amor, porque me afastaste do teu pensamento e do teu coração?

Ele afastou-a. O castelo tinha desaparecido — restavam apenas ruínas vazias, marcas da batalha. Encontravam-se na sombra do que outrora existira, diante de uma pequena casa cheia de flores. O aroma espalhava-se por toda a parte, estonteante, embriagante. A mulher continuava nos braços dele. E a tempestade estava prestes a explodir.

— O tempo já é curto — disse-lhe ela. — Tens de vir. Calin, tens de vir a mim. O destino não pode ser negado, um feitiço não pode ser quebrado. Se não te unires a mim, ele vencerá.

Ele abanou a cabeça, começou a falar, mas ela levou uma mão ao rosto dele. Esta atravessou-o como se ele fosse um fantasma. Ou ela. — Amo-te há uma eternidade. — Enquanto falava, ela recuou, a névoa envolvendo-lhe as pernas. — Estou ligada a ti, para toda a eternidade.

Então, ergueu os braços, levantou as palmas das mãos para os céus e fechou os olhos. O vento começou a rugir como um leão liberto de uma jaula, levantou-lhe os cabelos flamejantes e sacudiu o manto em redor dela.

— Resta-me pouco! — gritou ela por cima da violência da tempestade. — Mas ainda consigo evocar o vento! Ainda consigo apelar ao teu coração. Não o escondas de mim, Calin. Vem até mim depressa. Encontra-me. Ou estarei perdida.

E foi-se embora. Desapareceu. A terra tremeu debaixo dos pés dele, o céu uivou. E tudo silenciou e sossegou.

Ele acordou a ofegar. E de braços estendidos.

C A P Í T U L O I



— Calin Farrell, precisas de umas férias. Cal levantou um ombro, bebericou o café e continuou a matutar enquanto olhava pela janela da cozinha. Ele não sabia porque tinha ido até ali para ouvir a mãe reclamar e preocupar-se com ele, para ouvir o pai a assobiar enquanto, sentado à mesa, atava meticulosamente as moscas de pesca. Mas tinha sentido uma vontade incontrollável de estar na casa da sua infância, de passar uma ou duas horas na casinha arrumada de Brooklyn Heights. De ver os pais.

— Talvez. Estou a pensar nisso.

— Trabalhas de mais — disse o pai, observando criticamente o próprio trabalho. — Podias vir passar umas semanas connosco a Montana. É a melhor pesca com mosca do mundo. Trazias a tua máquina fotográfica. — John Farrell levantou os olhos e sorriu. — Chama-lhe licença sabática.

Era tentador. Ele nunca tinha sido um entusiasta da pesca como o pai, mas Montana era linda. E grande. Cal pensou que seria capaz de se perder lá. E de se livrar da inquietude. Dos sonhos.

— Umas semaninhas de ar puro vão fazer-te bem. — Sylvia Farrell semicerrou os olhos quando se virou para o filho. — Estás com um ar pálido e cansado, Calin. Precisas de sair uns tempos daquela cidade.

Embora tivesse vivido sempre em Brooklyn, Sylvia ainda se referia a Manhattan como «aquela cidade» com ligeiro desdém e irritação.

— Tenho andado a pensar fazer uma viagem.

— Acho bem. — A mãe estava a esfregar o balcão da cozinha. Iam partir na manhã seguinte e Sylvia Farrell não deixava ficar uma migalha nem um grão de pó. — Tens trabalhado de mais, Calin. Não que não estejamos orgulhosos de ti. Depois da tua exposição no mês passado, o teu pai gabou-se tanto que os vizinhos começaram a esconder-se quando o viam aproximar-se.

— Não é todos os dias que um homem vê as fotografias do filho num museu. Eu gostei especialmente dos nus — acrescentou com uma piscadela de olho.

— Velho tonto — resmungou Sylvia, mas tinha os lábios a tremelicar. — Bem, quem diria, quando te comprámos aquela pequena máquina fotográfica pelo Natal, quando tinhas oito anos, que vinte e dois anos depois serias rico e famoso? Mas riqueza e fama têm um preço.

Emoldurou o rosto do filho com as mãos e examinou-o com o olhar penetrante de uma mãe. Ela reparou que ele estava com olheiras e que o rosto estava demasiado magro. Ela preocupava-se com o homem que tinha criado e o rapaz que tinha sido e que sempre parecera ter... algo para além do comum.

— Tu estás a pagá-lo.

— Estou ótimo. — Ao reconhecer a preocupação nos olhos da mãe, ele sorriu. — Só não ando a dormir muito bem.

Sylvia recordava-se de que tinha havido outras ocasiões em que o filho ficara pálido e de olhos cavados devido à falta de sono. Trocou um olhar rápido com o marido por cima do ombro de Cal.

— Foste, eh, ao médico?

— Mãe, eu estou bem. — Ele sabia que o seu tom de voz estava um pouco brusco, demasiado defensivo, e esforçou-se para o aligeirar. — Estou muito bem.

— Não chateies o miúdo, Syl. — Mas John também observou atentamente o filho e recordou, tal como a mulher, o menino que tinha conversado com sombras, caminhado enquanto dormia e sonhado com bruxas, sangue e batalhas.

— Não estou a chatear. Estou preocupada com ele. — Obrigou-se a sorrir.

— Não quero que te preocupes. Estou um bocadinho stressado, só isso. — Era apenas isso, pensou ele, decidido a torná-lo realidade. Ele não estava diferente, não estava estranho.

Não tinha o batalhão de médicos a que os pais o haviam levado ao longo da infância diagnosticado uma imaginação excessivamente desenvolvida? E não tinha ele finalmente canalizado isso para a fotografia?

Ele já não via coisas que não existiam.

Sylvia anuiu com a cabeça e disse a si mesma para aceitar. — Não admira. Tens trabalhado dia e noite nos últimos cinco anos. Precisas de descanso, precisas de sossego. E de alguns mimos.

— Montana — disse novamente John. — Umas semanas de pesca, ar puro e sem preocupações.

— Vou para a Irlanda. — As palavras saíram da boca de Cal antes de ele se aperceber de que a ideia lhe estava na cabeça.

— Irlanda? — Sylvia contraiu os lábios. — Para trabalhar, não, Calin.

— Não, para... para ver — disse ele finalmente. — Só para ver.

Ela anuiu com a cabeça, satisfeita. Afinal, férias eram férias. — Vai ser bom. É, supostamente, um país repousante. Nós sempre quisemos lá ir, não foi, John?

O marido grunhiu em aquiescência. — Vais procurar os teus antepassados, Cal?

— Talvez. — Como a decisão parecia estar tomada, Cal bebeu mais um pouco de café. Iria procurar alguma coisa, constatou. Ou alguém.

Estava a chover quando ele aterrou no aeroporto Shannon. A chuva gelada de final de primavera parecia condizer com o seu estado de espírito. Ele tinha dormido durante quase toda a travessia do Atlântico. E os sonhos tinham-no perseguido. Passou pela alfândega, tratou de alugar um carro e trocou dinheiro. Tudo isto feito com a eficiência mecânica do viajante experiente. E à medida que completava as tarefas, tentava não se preocupar, tentava não matutar na ideia de que estava a ter algum tipo de esgotamento.

Entrou no carro alugado e depois ficou simplesmente na penumbra a indagar-se sobre o que fazer, para onde ir. Tinha trinta anos, era um fotógrafo de sucesso que podia fazer o seu preço, ditar as próprias regras. Ele continuava a considerar uma louca ironia do destino ter sido capaz de ganhar a vida a fazer uma coisa que adorava. Usar o que via numa paisagem, num rosto, na luz, na sombra e na textura, e converter isso em fotografia.

Era verdade que os últimos anos tinham sido agitados e que ele tinha

trabalhado quase ininterruptamente. Naquele preciso momento, a bagageira do *Volvo* que tinha alugado estava carregada com equipamento, e a sua *Nikon* favorita estava guardada no estojo no banco ao lado dele. Não conseguia separar-se dela — não queria fugir daquilo que amava.

De repente um estranho arrepio percorreu-lhe o corpo e ele pensou, apenas por um momento, que tinha ouvido uma mulher a chorar.

É só a chuva, disse para si mesmo, e esfregou o rosto bonito com as mãos. Era um rosto longo, estreito, com as maçãs do rosto bem pronunciadas dos antepassados celtas. O nariz era direito, a boca firme e bem delineada. Sorria frequentemente — ou assim fora até recentemente.

Os olhos eram cinzentos — um cinzento profundo e puro sem vestígio de verde nem de azul. As sobrancelhas acima destes eram fortemente arqueadas e tendiam a unir-se em concentração. O cabelo era preto e espesso e caía sobre o colarinho. Um toque artístico que uma série de mulheres tinha apreciado.

Uma vez mais, até recentemente.

Continuava a cismar no facto de se terem passado meses desde que estivera pela última vez com uma mulher — desde que o desejara. *Trabalho em excesso outra vez?*, indagou-se. Uma consequência do stress? Porque haveria de estar stressado quando a sua carreira estava a progredir a olhos vistos? Era saudável. Tinha feito um exame físico completo apenas umas semanas antes.

Mas não contaste os sonhos aos médicos, pois não?, lembrou a si mesmo. *Os sonhos de que não consegues lembrar-te completamente quando acordas*. Os sonhos, admitiu, que o tinham levado a cinco mil quilómetros de distância do outro lado do oceano.

Não, raios, ele não tinha dito nada ao médico. Não ia voltar a percorrer esse caminho. Já tinha tido psiquiatras suficientes durante a juventude a intrometerem-se na sua mente, a fazê-lo sentir-se tolo, exposto, impotente. Já era um adulto e podia muito bem tratar dos próprios sonhos.

Se estava a ter um esgotamento, era um perfeitamente normal e podia ser curado com repouso, descontração e uma mudança de paisagem.

Era para isso que tinha ido para a Irlanda. Apenas para isso.

Ligou o motor do carro e começou a conduzir sem destino.

Ele já tinha tido sonhos, quando era menino. Sonhos muito nítidos, demasiado realistas. Castelos, bruxas e uma mulher de longos cabelos ruivos. Ela tinha-lhe falado com aquela entoação melódica da Irlanda na

voz. E, por vezes, havia-lhe falado numa língua que ele não conhecia — mas que, apesar disso, tinha compreendido.

Aparecera também uma menina — o mesmo cabelo em cascata, os mesmos olhos azuis. Tinham rido juntos nos sonhos dele. Brincado juntos — inocentes jogos infantis. Ele recordava-se de que os pais tinham ficado divertidos quando lhes falara da amiguinha. Ele calculava que não tivessem dado importância por considerarem tratar-se da imaginação natural de um filho único sociável.

Mas tinham ficado preocupados quando ele parecera saber coisas, ver coisas, falar de lugares e de pessoas que era impossível conhecer. Tinham-se preocupado com ele quando o sono começara a ser interrompido noite após noite — quando ele começara a andar e a falar enquanto preso nos sonhos.

Então, depois dos médicos, dos terapeutas, das sessões intermináveis e daqueles rápidos olhares perscrutadores que os adultos pensavam que as crianças não eram capazes de interpretar, ele tinha deixado de falar deles.

E à medida que crescera, a menina crescera também. Alta, magra e encantadora — seios juvenis, cintura fina, pernas compridas. Sentimentos e desejos por ela que não eram assim tão inocentes tinham começado a agitar-se dentro dele.

Isso assustara-o e enfurecera-o. Até ele ter bloqueado aquela voz suave que chegava de noite. Até ter virado costas à imagem que lhe assombrava os sonhos. Finalmente, tudo parou. Os sonhos pararam. Os pequenos lampejos na sua mente que lhe diziam onde encontrar chaves perdidas ou que o faziam pegar no telefone um instante antes de este tocar cessaram.

Cal dizia para si próprio que estava confortável com a realidade. Tinha-a escolhido. E tornaria a escolhê-la. Estava ali apenas para provar que era um homem comum a sofrer de excesso de trabalho. Iria absorver a atmosfera da Irlanda, tirar as fotografias que lhe agradassem. E, se necessário, tomar os comprimidos que o médico lhe tinha prescrito para o ajudar a dormir tranquilamente.

Conduziu ao longo da costa fustigada pela tempestade, onde vento rugia vindo do mar e mantinha o verão invasor à distância com o seu sopro gelado.

A chuva tamborilava no para-brisas, e o nevoeiro deslizava sobre o chão. Não era propriamente uma receção calorosa, mas ele sentia-se em

casa. Como se alguma coisa, ou alguém, estivesse à espera para o abrigar da tempestade. Cal riu-se disso. Era apenas o prazer de estar num lugar novo, concluiu. Era a expectativa de encontrar novas imagens para captar em fotografia.

Ele sentia um ligeiro anseio por café, comida, mas bloqueou-o facilmente ao absorver a paisagem. Mais tarde, disse a si mesmo. Pararia mais tarde nalgum pub ou estalagem, mas naquele momento tinha de ver mais daquela paisagem impressionante. Tão selvaticamente bela, tão intemporal.

E se lhe era, de algum modo, familiar, ele podia atribuir isso à memória geográfica. Afinal, os seus antepassados tinham deambulado por aqueles penhascos pontiagudos, por aquelas onduladas encostas verdejantes. Tinham sido guerreiros, pensou. Tinham-se, em tempos, pintado de azul e saído aos gritos da floresta para aterrorizarem o inimigo. Tinham usado armadura e elevado espada e lança para defender a sua terra e proteger a sua liberdade.

A cena que explodiu na sua mente era cruelmente nítida. A imagem de espadas colidindo, os gritos de batalha em pleno. Cavalos tombando, de olhos esbugalhados, sangue jorrando de um braço ferido e o grito angustiante de dor de um homem caindo desamparadamente. O ardor de aço perfurando carne.

Ao olhar para baixo no momento em que sentiu dor, Cal viu sangue brotando da sua coxa.

Corvos vis cercando pacientemente em silêncio. O fedor a carne queimada de corpos ardendo numa pira e os gritos hediondos e agudos de homens agonizantes à espera de libertação.

Cal deu por si parado na berma da estrada, fora do carro, a encher os pulmões de ar enquanto a chuva o castigava. Teria desmaiado? Estaria a enlouquecer? A tremer, estendeu o braço e passou com a mão sobre as calças de ganga. Não havia ferimento, porém ele sentia a dor persistente de uma velha cicatriz que sabia não existir.

Estava a acontecer novamente. O rio de medo que corria dentro dele congelou e transformou-lhe o sangue em gelo. Ele obrigou-se a acalmar, a pensar racionalmente. *Jet lag*, decidiu. *Jet lag e stress, só isso*. Há quanto tempo tinha saído de Shannon? Há duas horas? Três? Precisava de encontrar um lugar onde se hospedar. Precisava de comer. Iria encontrar uma hospedaria remota e tranquila, pensou. Um sítio onde pudesse descansar e desanuviar. E quando a tempestade tivesse passado, pegaria na máquina

fotográfica e faria uma longa caminhada. Podia ficar semanas, ou partir logo de manhã. Era livre, lembrou a si mesmo. E isso era são, era normal.

Voltou a entrar no carro, acalmou-se e seguiu viagem ao longo da sinuosa estrada litoral.

Avistou o castelo em ruínas assim que fez a curva. A torre de menagem, calculava ele que fosse, estava praticamente intacta, mas as muralhas tinham sido cerceadas, fazendo-o pensar num antigo guerreiro com cicatrizes de muitas batalhas. Empoleirado num penhasco pedregoso, gritava com poder e rebeldia apesar das pedras tombadas.

Um relâmpago fendeu o céu tempestuoso, explodiu com luz e impregnou o ar com um odor a ozono.

O sangue dele pulsava com força e um desejo, puramente sexual, começou a espalhar-se-lhe pelo ventre. Os dedos apertaram com força o volante. Virou para a estreita e acidentada estrada de terra que subia o penhasco. Precisava de uma fotografia do castelo, disse a si mesmo. Diversos ensaios de diversos ângulos. Um rápido desvio — quinze ou vinte minutos — e pôr-se-ia a caminho da tal hospedaria.

Não interessava que a Irlanda estivesse salpicada de ruínas e velhos castelos — ele precisava daquele.

Névoas espalhavam-se na sua base como um rio. Tão absorto estava ele no jogo de luz e sombras sobre a pedra, na textura das ervas daninhas e das flores silvestres que abriam caminho por entre as fendas, que não viu o chalé até estar praticamente em cima dele.

A pequena casa de campo fê-lo sorrir, embora ele não se tivesse apercebido disso. Era tão encantadora, tão inesperada ali ao lado das pedras antigas. Convidativa, acolhedora, parecia florescer como as flores que a rodeavam, brotar da encosta rochosa como se tivesse sido plantada por uma mão carinhosa.

Estava pintada de branco e tinha venezianas de um azul vivo. Fumo erguia-se no ar através de uma chaminé de pedra e um gato preto de pelo lustroso dormia a sesta ao lado de uma cadeira de baloiço em madeira no pequeno alpendre coberto. *Alguém fez aqui uma casa, pensou ele, e cuida dela.*

A luminosidade não estava boa, disse para si mesmo. Mas ele sabia que precisava de capturar aquele lugar, aquela sensação. Iria perguntar a quem ali vivesse se podia regressar para fazer o seu trabalho.

Enquanto estava ali parado à chuva, o gato desenrolou-se lentamente, sentou-se e observou-o com uns olhos surpreendentemente azuis.

Então ele viu-a — parada sob a chuva cortante, a névoa rodopiando em seu redor.

Embora ele não a tivesse ouvido aproximar, ela estava a meio caminho entre a pequena casa cuidada e as pedras tombadas do velho castelo. Tinha uma mão sobre o coração e a respiração era rápida como se tivesse estado a correr.

O cabelo estava molhado, caía em cachos vermelhos-escuros sobre os ombros e emoldurava um rosto que podia ter sido esculpido em mármore por um mestre. A boca era macia e carnuda e pareceu tremer quando se curvou num sorriso de boas-vindas. Os olhos eram azul-celeste e estavam inundados de emoções tão poderosas como a tempestade.

— Eu sabia que virias. — O manto que ela usava esvoaçou para trás quando ela correu para ele. — Estava à tua espera — disse ela com a entoação melódica da Irlanda antes de esmagar a boca dele com a sua.

C A P Í T U L O 2



Seguiu-se um momento extasiante de pura alegria. Outro de um desejo primitivo, avassalador.

O sabor dela, intenso, potente, entranhou-se no corpo dele enquanto a chuva lhe ensopava a pele. Ele sentia-se impotente para fazer alguma coisa a não ser absorvê-lo. Os braços dela estavam fechados em redor do seu pescoço, o corpo esbelto e curvilíneo intimamente pressionado contra o dele. O calor que dela emanava atravessava-lhe a camisa encharcada e penetrava-lhe os ossos.

E a boca dela era selvagem e frenética como o céu que estrondeava acima deles.

Era tudo assustadoramente familiar.

Ele levou as mãos aos ombros dela, indeciso, por um momento desconcertante, se haveria de a puxar mais ou afastá-la. Acabou por se afastar um pouco, segurando-a à distância de um braço.

Ela era linda. Estava excitada. E era, garantiu ele a si próprio, uma estranha. Calin inclinou a cabeça, decidido a tratar da situação.

— Bem, este é certamente um país amigável.

Ele viu a luz vacilante nos olhos dela, o obscurecimento da decepção, um brilho súbito de frustração. Mas ele não podia saber o quão profundamente essa decepção e essa frustração tinham atingido o seu coração.

Ele está aqui, disse ela a si própria. *Ele veio. É só isso que importa agora.*

— É, sim. — Fez-lhe um sorriso, deixou os dedos sobre o cabelo dele apenas por mais um segundo e depois baixou os braços. — Bem-vindo à Irlanda e ao Castelo dos Segredos.

O olhar dele rumou em direção às ruínas. — É assim que se chama?

— É esse o nome que tem agora. — Ela teve de lutar para não devorar cada centímetro, cada expressão dele com os olhos. Em vez disso, estendeu-lhe a mão, como teria feito a qualquer viajante desorientado. — Fizeste uma longa viagem. Vem sentar-te à minha lareira. — Sorriu. — Tomar um pouco de uísque no chá.

— Tu não me conheces — disse ele em tom de afirmação em vez de interrogação. Tinha de o fazer.

Em resposta, ela olhou para o céu. — Estás molhado — disse ela — e hoje o vento está frio. É o suficiente para que te ofereça um lugar perto da lareira. — Virou-lhe costas e subiu para o alpendre onde o gato se mexeu para se enrolar nas pernas dela. — Vieste até aqui. — Os olhos dela encontraram de novo os dele e fixaram-nos. — Queres entrar em minha casa para te aqueceres, Calin Farrell?

Ele desviou o cabelo encharcado do rosto e sentiu os ossos tremem-lhe. — Como sabes o meu nome?

— Da mesma forma que soubeste vir até aqui. — Ela pegou no gato e acariciou-lhe a cabeça sedosa. Observavam-no ambos com paciência, com uns olhos azuis impassíveis. — Fiz scones esta manhã. Vais ficar com fome. — Com isto, virou-se e entrou, deixando-o decidir se queria entrar ou partir.

Parte dele queria voltar para dentro do carro, ir-se embora dali, fingir que nunca a tinha visto nem àquele lugar. Mas subiu para o alpendre e abriu a porta da casa. Precisava de respostas e parecia que ela tinha, pelo menos, algumas.

O calor atingiu-o de imediato. Um calor acolhedor aromatizado com as fragrâncias do pão recentemente cozido, da turfa ardendo na lareira, das flores acabadas de colher.

— Fica à vontade. — Pousou o gato no chão. — Vou tratar do chá.

Cal entrou na pequena sala de estar e aproximou-se das chamas da lareira. Reparou que havia flores, de pétalas ainda húmidas, enchendo jarras em cima da consola de pedra da lareira e vasos sobre a mesa perto da janela.

Havia uma cadeira de palha perto da lareira, mas ele não se sentou. Em vez disso, examinou a sala com o olhar arguto de um artista.

Cores serenas, pensou. Não desmaiadas, mas relaxantes na combinação do rosa-escuro com os verdes-musgosos. Tapetes tecidos à mão no soalho polido, madeiras com um brilho espelhado cuidadosamente tratadas e com um suave odor a cera de abelhas. Velas, de variados comprimentos, espalhadas por toda a parte, em suportes de vidro, prata e pedra.

Ali, ao lado da lareira, uma roca de fiar. *Decerto uma antiguidade*, pensou ele quando se aproximou para a examinar. A madeira escura reluzia, e ao lado havia um cesto de palha cheio de bonitas lãs tingidas.

Não fossem os candeeiros elétricos com os seus abat-jours de cristal e o pequeno sistema de som metido no meio de uma pilha de livros em cima de uma prateleira, ele poderia jurar que tinha entrado noutro século.

Absorto nos seus pensamentos, agachou-se para acariciar o gato, que estava a esfregar-se sedutoramente nas suas pernas. O pelo era quente e húmido. Real. Não tinha entrado noutro século, garantiu Cal a si próprio. Nem tinha entrado num sonho. Ia fazer umas perguntas muito incisivas à sua anfitriã, decidiu. E não ia a lado nenhum até estar satisfeito com as respostas.

Quando descia o pequeno corredor de entrada com o tabuleiro, ela repreendeu-se por ter perdido o bom senso no meio da tempestade de emoções, por ter avançado demasiado depressa, por ter dito de mais. Por esperar de mais.

Ele não a conhecia. Oh, isso dilacerava-lhe o coração e a alma. Mas tinha sido tolice da parte dela esperar que ele a reconhecesse, quando ele tinha bloqueado os pensamentos dela, a necessidade que tinha dele, durante mais de quinze anos.

Ela tinha continuado a entrar furtivamente nos sonhos dele, sem ele perceber, para o ver transformar-se num homem tal como ela própria se tinha tornado mulher. Mas orgulho, mágoa e amor tinham-na impedido de lhe apelar.

Até não restar outra alternativa.

Ela soubera desde o momento em que ele pisara o solo do seu país. E o seu coração tinha disparado. Teria sido assim tão errado, e tolo, preparar-se para ele? Encher a casa de flores, a cozinha de pão? De se banhar em óleos por ela manufaturados, untar a pele como faria uma noiva na noite do casamento?

Não. Respirou fundo à entrada da sala. Tinha precisado de se

preparar para ele. Agora tinha de encontrar a forma certa de o preparar para ela — e para aquilo que em breve ambos iriam enfrentar.

Ele era tão lindo, pensou ela ao vê-lo extasiar o gato com carícias. Quantas noites se tinha ela revirado inquieta durante o sono, desejando aquelas mãos longas e estreitas no seu corpo?

Oh, nem que fosse uma só vez, sentir o toque dele.

Quantas noites tinha desejado ardentemente ver os olhos dele, cinzentos como nuvens de tempestade, focados nela enquanto se enterrava no fundo do seu ventre e lhe dava a sua semente?

Oh, nem que fosse uma só vez, unir-se a ele, fazer aqueles suaves sons secretos na noite.

Estavam destinados a serem amantes. Isso ela acreditava que ele iria aceitar. Pois ela sabia que um homem tinha necessidades, e este estava já fisicamente ligado a ela — mesmo que se recusasse a lembrar-se.

Mas sem o amor no ato do acasalamento, não haveria prazer. E nem esperança.

Ela preparou-se e entrou na sala. — Vejo que fizeste amizade com a *Hecate*. — Ele levantou subitamente os olhos ao encontro dos dela e as mãos dela tremeram ligeiramente. O poder que ela ainda detinha não era nada comparado com um olhar intenso da parte dele. — Ela é uma desavergonhada com homens atraentes. — Pousou o tabuleiro. — Porque não te sentas, Cal, e bebes um pouco de chá?

— Como sabes quem eu sou?

— Vou explicar o que puder. — Os olhos dela ficaram escuros e turbulentos de emoções ao perscrutarem o rosto dele. — Então não te lembras de mim? De nada?

Uma cascata de cabelo ruivo que brilhava como fogo molhado, um corpo que se movia em perfeita harmonia com o seu, uma gargalhada como nevoeiro. — Não te conheço — disse ele rispidamente, na defensiva. — Não sei o teu nome.

Os olhos dela permaneciam escuros, mas o queixo ergueu-se. Ali ainda havia orgulho e poder. — Sou Bryna Torrence, descendente de Bryna, a Feiticeira, e guardiã deste lugar. És bem-vindo a minha casa, Calin Farrell, pelo tempo que desejares ficar.

Debruçou-se sobre o tabuleiro com movimentos graciosos. Usava um vestido comprido da cor da névoa que se enrolava lá fora. Este cobria-lhe o corpo e agitava-se sobre os tornozelos. Colunas de prata trabalhada pendiam-lhe das orelhas.

— Porquê? — Ele pousou-lhe uma mão no braço quando ela levantou a primeira chávena. — Porque sou bem-vindo a tua casa?

— Talvez porque me sintas só. — Os lábios dela esboçaram de novo um sorriso melancólico. — Sinto-me só e estou contente com a tua companhia. — Sentou-se e fez-lhe sinal para que fizesse o mesmo. — Precisas de comer um pouco, Calin, de descansar um pouco. Eu posso oferecer-te isso.

— O que eu quero é uma explicação. — Mas sentou-se na mesma, e como o líquido quente dentro da sua chávena tinha um cheiro divinal, ele bebeu. — Disseste que sabias que eu viria, sabias o meu nome. Quero saber como é isso possível.

Não era permitido mentir-lhe. A sinceridade fazia parte do acordo. Mas ela podia contornar a questão. — Posso ter reconhecido a tua cara. És um homem bem-sucedido e famoso, Calin. A tua arte conseguiu chegar até ao meu cantinho do mundo. Tens tanto talento — murmurou ela. — Tanta visão. — Dispôs scones num pequeno prato e ofereceu-lho. — Tanto poder dentro de ti.

Ele ergueu uma sobrancelha. Havia mulheres que estavam dispostas, mortinhas por irem para a cama com um homem famoso. Abanou a cabeça. — Não és nenhuma *groupie*, Bryna. Não me abriste a porta para poderes ter uma rápida sessão de sexo com alguém famoso.

— Mas outras já o fizeram.

Havia uma ponta de ciúme na voz dela. Ele não era capaz de perceber porquê, mas, dadas as circunstâncias, foi algo que o divertiu. — E é por isso que sei que não é disso que se trata, que não é o que tu és. De qualquer forma, não tiveste tempo para reconhecer a minha cara de uma revista ou de um programa de entrevistas. A luminosidade era má, ainda chove a cântaros.

Calin franziu o sobrolho. Não podia estar a sonhar de novo, a alucinar. A chávena de chá estava quente na sua mão, o sabor da infusão doce com um toque de uísque na sua boca. — Raios, estavas à minha espera e eu não entendo como!

— Esperei por ti a vida toda — disse ela em voz baixa, pousando a chávena intacta. — E um milénio antes disso. — Levantou as mãos e pousou-as no rosto dele. — O teu rosto é o primeiro de que me recordo, mesmo antes do da minha mãe. O fantasma do teu toque perseguiu-me todas as noites da minha vida.

— Isso é um absurdo. — Ele levantou uma mão e enrolou os dedos em torno do pulso dela.

— Não consigo mentir-te. Não tenho poder para isso. Tudo o que te disser será verdade, tudo o que vires em mim será real. — Ela tentou tocar naquela parte da mente dele, ou do seu coração, que pudesse ainda estar aberta a ela. Mas estava trancada, extremamente bem protegida. Respirou bem fundo e aceitou. Até mais ver. — Não estás preparado para saber, para ouvir, para acreditar. — O olhar dela suavizou um pouco, as pontas dos dedos acariciaram as têmporas dele. — Ah, Calin, estás cansado e confuso. Do que precisas neste momento é de descanso e de sossego para a tua mente. Eu posso ajudar-te.

A visão dele obscureceu e a sala começou a rodar. Ele não conseguia ver nada para além dos olhos dela, azuis-escuros, totalmente focados. O perfume dela entranhou-se nos sentidos dele como uma droga. — Para.

— Descansa agora, amor. Meu amor.

Calin sentiu os lábios dela roçarem os seus antes de se deixar envolver ditosamente pela escuridão.

Cal acordou em silêncio. A sua mente andou às voltas por um instante, como uma ave à procura de sítio para se empoleirar. *O chá tinha alguma coisa*, pensou. Céus, a mulher tinha-o drogado. Sentiu um pânico rápido quando o tema de *Misery* de Stephen King lhe assaltou o pensamento.

Fã obcecada. Rapto.

Com um sobressalto, sentou-se, aterrorizado, em busca dos pés. Ainda lá estavam. A gata preta, que tinha estado enrolada à beira da cama, espreguiçou-se languidamente e pareceu rir à socapa.

— Sim, muito engraçado — resmungou Cal. Soltou um longo suspiro que terminou numa fraca gargalhada. *Estás a deixar a tua imaginação voar novamente*, disse para si mesmo. *Sempre tiveste esse mau hábito*.

Subitamente, sentiu-se simultaneamente surpreso e embaraçado com a ideia de Bryna a despi-lo com aquelas maravilhosas mãos delicadas. E a enfiá-lo na cama. Como diabos teria a mulher conseguido carregá-lo até um quarto?

Pois era onde se encontrava. Era um quarto pequeno e encantador com uma pequena lareira de pedra e uma escrivaninha reluzente. Flores e velas de novo, livros acomodados num recanto da parede. Havia uma cadeira de bonecas perto da janela que estava emoldurada com cortinas brancas de renda. O sol atravessava-as e fazia desenhos bonitos e complexos no soalho de madeira escura.

Aos pés da cama havia um velho baú com adornos em bronze. A roupa dele, limpa e seca, estava cuidadosamente dobrada em cima. Pelo menos ela não estava à espera que ele fugisse nu, decidiu Calin, e, com algum alívio, pegou rapidamente nas calças de ganga.

Sentiu-se imediatamente melhor assim que as fechou e depois constatou que não se sentia simplesmente melhor. Sentia-se maravilhosamente bem.

Alerta, repousado, enérgico. O que quer que fosse que ela lhe tivesse dado, tinha-o atirado para o sono profundo e reparador que ele não sentia há semanas, concluiu. Mas não ia agradecer-lhe por isso, pensou Cal sombriamente enquanto enfiava a camisola. A mulher era mais do que excêntrica — ele não se incomodava com um bocadinho de excentricidade. Mas aquela senhora estava iludida e era, possivelmente, perigosa.

Ia exigir-lhe algumas respostas satisfatórias, depois ia deixá-la na sua casinha de conto de fadas e no seu castelo em ruínas e ia pôr-se a milhas.

Olhou para o espelho acima da escrivaninha, um pouco à espera de ver uma barba que lhe chegasse ao peito, como a de Rip Van Winkle. Mas o homem que o fitou não tinha envelhecido. Tinha uma expressão perplexa, irritada e, uma vez mais, repousada. *Que diabos*, pensou, puxando o cabelo para trás.

Encontrou os sapatos arrumados ao lado do baú. Enquanto os calçava, deu por si a estudar os desenhos que a luz do Sol traçava no chão.

Luz. De repente fez-se luz e ele sentiu um novo sobressalto. A chuva tinha parado. Por amor de Deus, quanto tempo teria estado a dormir?

Aproximou-se da janela em duas passadas e afastou as cortinas delicadas. E ficou enfeitiçado.

A vista era fascinante. Conseguia ver o solo irregular onde estava assente o castelo em ruínas, discernir o brilho da mica na rocha onde batia o sol. O terreno descia em direção à estrada e esta dava lugar a onda após onda de campos verdes, divididos com muros de pedra, salpicados de gado a repousar. Havia casas enfiadas em vales e em colinas, roupa agitando-se alegremente em estendais. Árvores retorcidas e curvadas pelos anos de resistência ao vento que vinha do mar, com o verde resplandecente da primavera.

Ele viu com bastante nitidez um rapaz a pedalar uma bicicleta azul ao longo de um dos troços estreitos de estrada e um cão às manchas pretas e brancas a correr ao seu lado, atravessando sebes espessas.

A caminho de casa, pensou Cal. *A caminho de casa para o jantar. A mãe não gosta que chegues atrasado.*

Deu por si a sorrir e, sem pensar, estendeu o braço para baixo para levantar a janela e deixar entrar o ar fresco e húmido.

A luz. Inchava o seu coração de artista. Ninguém teria sido capaz de lhe descrever a luz da Irlanda. Tinha de ser vista, sentida. *Como o brilho de uma pérola delicada*, pensou, *que faz o ar cintilar, ficar luminoso e sedoso.* O sol que atravessava camadas de nuvens tinha uma suavidade, uma majestade que ele nunca tinha visto em parte nenhuma.

Tinha de a capturar. Agora. Imediatamente. Decerto uma magia assim não podia durar muito. Saiu disparado do quarto, desceu apressadamente o curto lance de escadas e saiu precipitadamente em direção ao sol suave com a gata a correr atrás de si.

Pegou na *Nikon* que estava no banco dianteiro do carro. Trocou rápida e competentemente as lentes da máquina. Depois colocou o estojo ao ombro e escolheu a sua posição.

O chalé de conto de fadas, pensou ele. A abundância de flores. A luz. Oh, aquela luz. Enquadrou, calculou e enquadró de novo.